



DAS DIFICULDADES DE JOGAR O JOGO DAS PUBLICAÇÕES: DO ALASTRO DAS PREDATÓRIAS, DOS BOTS, DAS PRESSÕES E A PROEMINÊNCIA EM RESISTIR

On the Difficulties of Playing the Publishing Game: The Spread of Predatory Journals, Bots, Pressures, and the Prominence of Resisting

De las Dificultades de Jugar el Juego de las Publicaciones: la Propagación de Revistas Depredadoras, Bots, Presiones y la Prominencia de Resistir

AUTOR ①

Márlon Herbert Flora Barbosa Soares

Universidade Federal de Goiás (UFG)

orcid.org/0000-0002-3273-8603

lattes.cnpq.br/9698540158266610

marlonsoares13@gmail.com

AUTORA ②

Maria das Graças Cleophas

Universidade Federal da Integração Latino-Americanana (UNILA)

orcid.org/0000-0002-5611-2437

lattes.cnpq.br/3907615898011202

maria.porto@unila.edu.br



UM (ANTI)MANUAL DE UTILIZAÇÃO DO JOGO PREDATÓRIO “PAGUE, PUBLIQUE E APAREÇA”?

A Ludus Scientiae tem uma história. Pequena ainda. Não insignificante. Mas tem. Nasceu em 2017. Em seu primeiro ano, tivemos 2 volumes. Entre 2018 e 2020, mais três volumes, também publicamos dois números em cada um deles. Já entre 2021 e 2024 optamos por um modelo comum em várias revistas, conhecido como publicação contínua em volume único. Que aliás, será mantida em 2025.

Este foi nosso primeiro jogo sério. Adaptar a revista aos tempos contemporâneos. A partir deste jogo, partimos para outra partida. A qualificação no Qualis Capes. Jogamos o jogo das qualificações fortemente. Planejamos nosso jogo para uma diagramação mais moderna e colocamos nosso time para acessar e indexar a Ludus em vários mecanismos de indexação, para que ela pudesse figurar em vários lugares e alcançar diferentes voos. Adentramos novo quadriênio da Capes, qualificados como uma revista A4. Não foi um jogo fácil, mas foi recompensador figurar como uma revista qualificada em um extrato A com apenas 4 anos.

Quando aprendemos a jogar esse jogo e estávamos querendo caminhar para quem sabe subir no extrato A, eis que as regras do jogo vão mudar novamente. E até a escrita desse editorial, ninguém de fato sabe como as revistas vão ser consideradas para o próximo quadriênio. A gente



estava treinando bem para a próxima partida, mas parece-nos que teremos que mudar a estratégia. De novo.

Outra partida que tem exigido novas táticas é a própria avaliação por pares. A tradicional revisão às cegas, já sobrecarregada, tem sido desafiada por propostas de revisão aberta, colaborativa ou até pós-publicação. Ainda que promissoras, essas alternativas exigem uma mudança cultural profunda no fazer científico, o que leva tempo e resistência. Logo, em meio a esse cenário, é urgente refletirmos sobre como podemos valorizar, visibilizar e formar novos pareceristas, inclusive entre os mais jovens, para que o jogo da ciência não se torne uma disputa entre poucos. Precisamos ajudar a se desvencilharem do emaranhado de pressões quem vêm sendo submetidos a nova geração de pesquisadores no Brasil. Isto se dá porque muitos desses jovens cientistas estão aprendendo que a ciência começa pela pressa e termina no cansaço, quando na verdade deveria começar pela curiosidade e terminar em comunidade. Portanto, não basta falarmos sobre ética nos eventos acadêmicos; precisamos vivê-la nos nossos processos formativos, nas orientações, nos grupos de pesquisa e, sobretudo, nos espaços editoriais. A formação ética é uma estratégia essencial para virar esse jogo.

Refletimos continuamente sobre o campo editorial em suas múltiplas vertentes, tais como, as emocionais, egóicas, financeiras etc. E cada vez mais, defendemos a importância de um “Letramento ou Alfabetização Editorial”. Uma vez que entendemos que formar pesquisadores também é formar sujeitos com capacidade de compreender os bastidores da publicação científica e que isto faz parte do compromisso ético com a ciência, a citar, como exemplo, suas regras, suas armadilhas, seus tempos, seus significados para a construção de um mundo que avança em função da Ciência e seus silêncios.

Assim, percebe-se o quanto é necessário nos tempos atuais, ensinar nossos jovens pesquisadores não apenas a escrever artigos, mas a ler revistas, a avaliar convites suspeitos, a entender os direitos autorais, a compreender que a escrita deve ser alinhada aos objetivos científicos e não apenas às questões produtivistas, a reconhecer boas práticas editoriais, a resistir a atalhos porque mais do que publicar, entre tantos outros temas e subtemas que acompanham esta discussão complexa.

É preciso, sobretudo, saber por que, para quem e com que implicações se publica. Queremos impactar o mundo com as nossas pesquisas ou apenas promover o engodo desenfreado do Lattes? Essa pergunta não é apenas retórica: é urgente. Já que a publicação



científica, quando esvaziada de sentido e orientada por vaidades e métricas, deixa de cumprir seu papel social e passa a operar como um simulacro de prestígio. Por isso, tal qual uma coerência quântica em sua indissociabilidade plena com os estados físicos da matéria, é que também advogamos em prol de movimentos que priorizam a saúde mental e a integridade acadêmica, como o *Slow Science*, uma ciência menos apressada, mais consciente e que se recusa a ser movida pelo desespero por publicações. Por conseguinte, defender esse tipo de ciência é também lutar contra o produtivismo adoecedor, contra a escrita automatizada, contra o sentido perdido em meio ao ruído gerado pelas redes sociais. Não se assuste! São questões duras demais para serem encapsuladas neste editorial, mas são exatamente elas que precisam ser colocadas em pauta se quisermos, de fato, continuar jogando o jogo com ética, com coragem e com lucidez.



Mas não se avexe nessa narrativa dramática ou cômica. Um novo jogador entrou na disputa. Ele tem dinheiro. Ele tem interessados. Ele tem rapidez. Ele é difícil de ser combatido. A gente só acha que ele não tem avaliadores. São as revistas e editoras predatórias. Todos nós em algum momento recebemos aquele e-mail maroto, dizendo que nosso trabalho já está pré-aprovado, bastando enviar uma cópia com as características a seguir, a partir de uma taxa específica. Estas revistas não têm corpo editorial sério. Não tem um editor conhecido e que entende da área de atuação. E geralmente publicam sobre uma grande quantidade de assuntos. A gente tem tentado fazer com que outros jogadores não joguem o jogo desse pessoal. E a Ludus faz um esforço editorial gigantesco para que nossos artigos não citem revistas ou editoras com suspeitas de práticas predatórias. Segue o jogo.

No entanto, é importante que seja dito aqui uma verdade. Elas, as revistas predatórias, exploram a veia mais exposta do sistema: a pressão por publicar. Logo, o lema "publicar ou perecer" nunca foi tão perigoso, e esse jogador criminoso vende uma salvação rápida, mas a um custo que corrói a própria alma da ciência, poluindo o registro acadêmico com trabalhos de baixa ou nenhuma qualidade. O inimigo também trabalha com o ego dos desavisados, dos apressados em ter um resultado rápido para o seu artigo! Não somos uma revista iFood! Logo, não polimos egos que visam acumular publicações que pouco ou nada irão impactar os caminhos da Ciência.

Nesse trilhar insano, temos também assistido a um achatamento do pluralismo epistêmico. Pois, a busca por produtividade tem dificultado a publicação de saberes que não se encaixam em modelos hegemônicos de ciência. No entanto, a Ludus, como revista que valoriza



a ludicidade e a inventividade, reconhece a importância de promover uma ciência aberta, que acolha perspectivas diversas, interdisciplinares e, sobretudo, inclusivas em aspectos epistemológicos, geográficos e metodológicos.

E podemos ainda colocar um pino extra neste tabuleiro do jogo das publicações, porque a jogabilidade fica ainda mais viciada com o crescimento da IA para captar autores. Elas prometem Qualis que nunca existiram, simulam pareceres e — pasmem — replicam artigos inteiros com pequenos ajustes para inflar seus acervos. Ou ainda, já vendem os artigos escritos (*paper mills*), expostos nas prateleiras das redes sociais e já aprovados em revistas “qualificadas numa literatura científica brutalmente cinzenta” para que as pessoas apenas façam pix e passem a ser autores! São bots escrevendo para humanos que estão apressados em publicar a todo custo. E no meio disso, é percebida uma vertiginosa crescente de leitores desavisados e pesquisadores pressionados por produtividade acabam virando peões num tabuleiro de vaidades e métricas distorcidas. Onde chegaremos? No Mercado Livre das revistas com frete pago? Ou no Shopee dos artigos com cupom de descontos?

E quando pensávamos que o tabuleiro estava completo, um outro jogador, quase invisível, senta-se à mesa: a Inteligência Artificial generativa. Diferente do predador, este não é inherentemente um adversário, mas seu uso indiscriminado se tornou a nova e mais sofisticada forma de trapaça no jogo porque visa lucros. Ele ameaça homogeneizar a escrita científica, transformando a beleza da descoberta, com suas idiossincrasias e estilos, em uma prosa eficiente, porém estéril. Pior: este jogador, por vezes, blefa. Inventa fontes, cria citações de artigos que não existem e produz textos que, embora fluentes, carecem de pensamento crítico genuíno. Como podemos nós, que já detectamos plágio "com nossos softwares" e nosso próprio suor, identificar o "plágio algorítmico" de uma máquina? É uma nova camada de complexidade para a qual não temos armas nem recursos. Entretanto, temos que aceitar que o futuro já começou, e ele nos pressiona a pensar uma nova governança editorial que alie inteligência artificial com inteligência ética. A Ludus está atenta, firme e forte! Às vezes, nem tão forte, mas resiliente! O fato é que a IA pode até acelerar processos, mas nunca vai substituir o compromisso humano com o conhecimento criativo que a Didatização Lúdica requer.

Vale enfatizar que a Ludus não é contra o uso da IA. Longe disso. A tecnologia pode ser uma grande aliada na formatação, na correção ortográfica e gramatical, na diminuição daqueles espaços extras entre as letras (eles irritam!), em ajudar na tradução de um resumo e até na



organização das ideias. Mas há um limite ético. Porque não se faz ciência por *prompt*. Ciência exige autoria, criatividade, honestidade, responsabilidade, reflexão crítica, e por que não dizer, suor humano. Portanto, damos um recado direto aos nossos autores: se usarem IA, use-a com consciência, cite-a quando necessário, e lembre-se que o jogo da ciência é jogado com responsabilidade ética.

Da nossa parte, reafirmamos o compromisso de que a Ludus vai continuar jogando limpo, sem trapaça! Porém, é preciso trazer à tona alguns dos inúmeros desafios enfrentados nos bastidores da publicização científica, por exemplo, temos dificuldades com avaliadores. Há revistas demais e “especialistas” comprometidos em doar o seu tempo gratuitamente de menos. Até entendemos que isso reflete o fato de os pesquisadores brasileiros estarem todos de alguma forma mergulhados em processos burocratizantes e com uma carga de trabalho que consideramos demasiadamente alta. Embora a tecnologia, que deveria nos auxiliar para que de alguma forma trabalhássemos menos, acabou por fazer com que trabalhássemos mais. Ações que não realizávamos 10 anos atrás, são agora de nossa responsabilidade, via os SEI, SIGAA e tantos outros da vida profissional. E jogando assim, com muita pressão, fica difícil dar parecer na quantidade de artigos que recebemos diariamente de várias revistas.

Gostaríamos mesmo que nossos artigos tivessem um tempo curto entre o recebimento do manuscrito e sua publicação. Tentamos várias estratégias para diminuir esse prazo, mas, acabamos por enfrentar outro adversário que também nos incomoda bastante: a falta de recursos financeiros. A Ludus não tem secretário/a. A Ludus não tem diagramador/a. A Ludus não tem revisor/a. A Ludus não tem detector de plágio. A Ludus são seus editores e editores associados. Somos nós e eles que levamos a revista, fazendo conferência, edição, revisão, diagramação, publicação e detectamos plágio com nossos softwares. Nós somos também nossos próprios secretários. A Ludus, como qualquer outra revista, tem custos e estes, são cobertos por nós, para nós e para vocês.

É fatídico mencionar que a ciência aberta, embora necessária, também tem sido apropriada por grandes editoras para vender acesso por outra via: a via de quem paga para publicar. Isso cria um paradoxo, ou seja, o conhecimento é aberto, mas o direito de publicar nele, não. A Ludus segue resistindo a esse modelo excludente. Não sabemos por quanto tempo! Por ora, somos uma revista GRATUITA! Publicamos sem custos, porque entendemos que o jogo da



ciência não pode ser vencido por quem tem mais dinheiro, mas por quem tem mais compromisso com o saber.

Outrossim, convém destacar que publicar também é um ato político. Por isso, também abrimos espaços para vozes que escrevem a partir de territórios menos “prestigiados” se torna um gesto de resistência contra a globalização que, tantas vezes, apaga os contextos e homogeneíza os saberes. A Ludus quer continuar sendo um espaço de afirmação da ludicidade, da ciência humana, feita com afeto e da diversidade de sotaques, experiências e epistemologias plurais que constroem o conhecimento.

Mas fica difícil, caro leitor, manter uma revista dessa forma. Os autores querem respostas rápidas para as suas necessidades e nós não podemos dá-las nesse ritmo. E eles estão certos. E a gente vai continuar caminhando assim. Isso mesmo, não vamos fechar, parar ou descontinuar. E não queremos cobrar nada dos autores nem dos leitores. Mas, até que consigamos financiamento adequado, pedimos (mais) paciência e empatia aos nossos autores atuais, aos antigos e aos futuros. Saibam que batalhamos muito para manter a revista no ar. A gente tem conseguido, a muito custo pessoal. Mas sabemos que poderia ser melhor, mas isso está além do que podemos.

Como podemos observar, jogamos contra muitas coisas. E, por isso, não cansamos de repetir: o jogo da Ludus é artesanal, honesto e transparente. Com erros, atrasos, e sim, MUITAS limitações! Mas com uma ética que não é gerada por IA nem vendida por e-mail. É construída por pessoas reais que acreditam que ciência se faz em comunidade.

Se você chegou até aqui, caro leitor, é porque também está conosco no jogo limpo das publicações científicas. E mesmo que a partida esteja cada vez mais complexa, queremos continuar jogando ao seu lado. Com ética, com criatividade, com compromisso, e com muita ludicidade, porque isso nunca pode nos faltar. Nunca!

Enfim, jogue o nosso jogo com esse novo volume de 2025. Continue escrevendo para a Ludus. Continue cobrando a Ludus. Faz parte do jogo.

Um mol de abraços lúdicos,

Prof. Dr. Márlon Herbert Flora Barbosa Soares (UFG)

Profa. Dra. Maria das Graças Cleóphas (UNILA)

